

VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM CARTAS PESSOAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

PRONOMINAL VARIATION OF THE SECOND PERSON SINGULAR IN PERSONAL LETTERS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

Suziane de Oliveira Porto Silva¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma revisão integrativa de literatura sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em posição de sujeito em cartas pessoais do português brasileiro, com enfoque diacrônico. A análise de 14 estudos empíricos, que abrangem cartas datadas entre 1850 e 1999, permite observar um processo gradual de substituição da forma tu pela forma você, com variação significativa conforme o gênero epistolar, a região, o grau de intimidade entre os interlocutores e o contexto sintático. Os resultados revelam a coexistência de subsistemas de tratamento marcados por padrões diversos de concordância e referência pronominal. A partir dos dados, observamos que a forma vossa mercê, predominante no século XIX, cede espaço ao você, que passa a desempenhar funções neutras e informais no século XX. Concluímos que a variação entre tu e você reflete transformações linguísticas condicionadas por fatores sociais e discursivos, sendo as cartas pessoais documentos privilegiados para a análise dessas mudanças.

Palavras-chave: Pronomes pessoais. Tu e você. Cartas pessoais. Variação linguística. Sociolinguística histórica.

ABSTRACT: This article presents an integrative literature review on the use of second-person singular subject pronouns in personal letters written in Brazilian Portuguese, with a diachronic approach. The analysis of 14 empirical studies, covering letters dated between 1850 and 1999, reveals a gradual replacement of the pronoun tu by você, with significant variation depending on the letter genre, region, level of intimacy between interlocutors, and syntactic context. The results highlight the coexistence of treatment subsystems marked by different patterns of agreement and pronominal reference. The data show that the form vossa mercê, predominant in the 19th century, gave way to você, which assumed more neutral and informal functions in the 20th century. The study concludes that the variation between tu and você reflects ongoing linguistic changes conditioned by social and discursive factors, and that personal letters are privileged documents for analyzing such variation.

Keywords: Personal pronouns. Tu and você. Personal letters. Language variation. Historical sociolinguistics.

¹ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. suziane.porto@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno constitutivo das línguas naturais e tem sido objeto central da Sociolinguística, em especial na vertente variacionista proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a qual reconhece a heterogeneidade como um traço sistemático da língua. No contexto do português brasileiro (PB), a alternância entre os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular, *tu* e *você*, tem despertado particular interesse por refletir, de forma sensível, às transformações nos usos linguísticos e nos papéis sociais dos falantes ao longo do tempo.

Estudos como os de Lopes (2003, 2015), Rumeu (2015, 2020), Moura (2013) e França (2016) têm demonstrado que a escolha pronominal está diretamente condicionada por fatores extralinguísticos, como o grau de intimidade entre os interlocutores, a faixa etária, a escolaridade, o sexo e o tipo de relação interpessoal, além de elementos linguísticos, como a função sintática e a concordância verbal. Nesse cenário, cartas pessoais despontam como fontes privilegiadas para a observação da variação e mudança linguística, por constituírem registros espontâneos, historicamente datáveis e marcados por relações sociais explícitas.

O fenômeno da variação pronominal entre *tu* e *você* adquire maior complexidade quando analisado em perspectiva diacrônica, pois revela não apenas alternâncias formais, mas processos de gramaticalização e mudança nos sistemas de tratamento, conforme discutido por autores como Brown e Gilman (1960), Faraco (2008), Ilari e Basso (2011) e Naro e Scherre (2003). Tais transformações evidenciam o deslocamento de valores simbólicos associados a essas formas, com o *tu*, outrora majoritário, cedendo espaço ao *você*, cuja trajetória está ligada à forma “vossa mercê”, posteriormente gramaticalizada e informalizada.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma revisão integrativa de literatura sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em posição de sujeito em cartas pessoais do PB. Buscamos, assim, mapear como a variação pronominal tem sido abordada nos estudos sociolinguísticos e em que medida esses trabalhos revelam padrões linguísticos, regionais, temporais e socioculturais do português brasileiro ao longo dos séculos XIX e XX.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso trabalho fundamenta-se em uma revisão integrativa de literatura, modalidade de pesquisa que permite identificar, sistematizar e analisar criticamente os achados de estudos empíricos e/ou

teóricos sobre determinado fenômeno, de modo a compor um panorama abrangente e reflexivo do estado da arte (Botelho et al., 2011). Optamos por essa abordagem por compreendermos que a variação pronominal de segunda pessoa no português brasileiro, particularmente no contexto de cartas pessoais, exige uma perspectiva que articule dados empíricos diversos com interpretações sociolinguísticas e históricas consistentes.

A revisão foi estruturada em cinco etapas:

- (i) Definição da questão norteadora;
- (ii) Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão;
- (iii) Busca sistemática em repositórios acadêmicos;
- (iv) Análise e extração das informações relevantes; e
- (v) Categorização e síntese crítica dos resultados.

Como pergunta norteadora para a nossa investigação, tivemos: quais são os principais condicionantes linguísticos e extralinguísticos observados nos estudos sobre a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular em cartas pessoais no português brasileiro?

Para respondê-la, delimitamos como critérios de inclusão:

- (i) Estudos que tratassem diretamente do uso dos pronomes *tu*, *você* ou *vossa mercê* em posição de sujeito;
- (ii) Trabalhos que utilizassem como *corpus* principal cartas pessoais autênticas, predominantemente manuscritas;
- (iii) Pesquisas com recortes metodológicos diacrônicos e/ou sociolinguísticos claros; e
- (iv) Publicações compreendidas entre os anos de 2006 e 2022.

Foram excluídas produções com foco em outros gêneros discursivos ou que apresentassem abordagem exclusivamente teórica, sem vínculo com análise empírica.

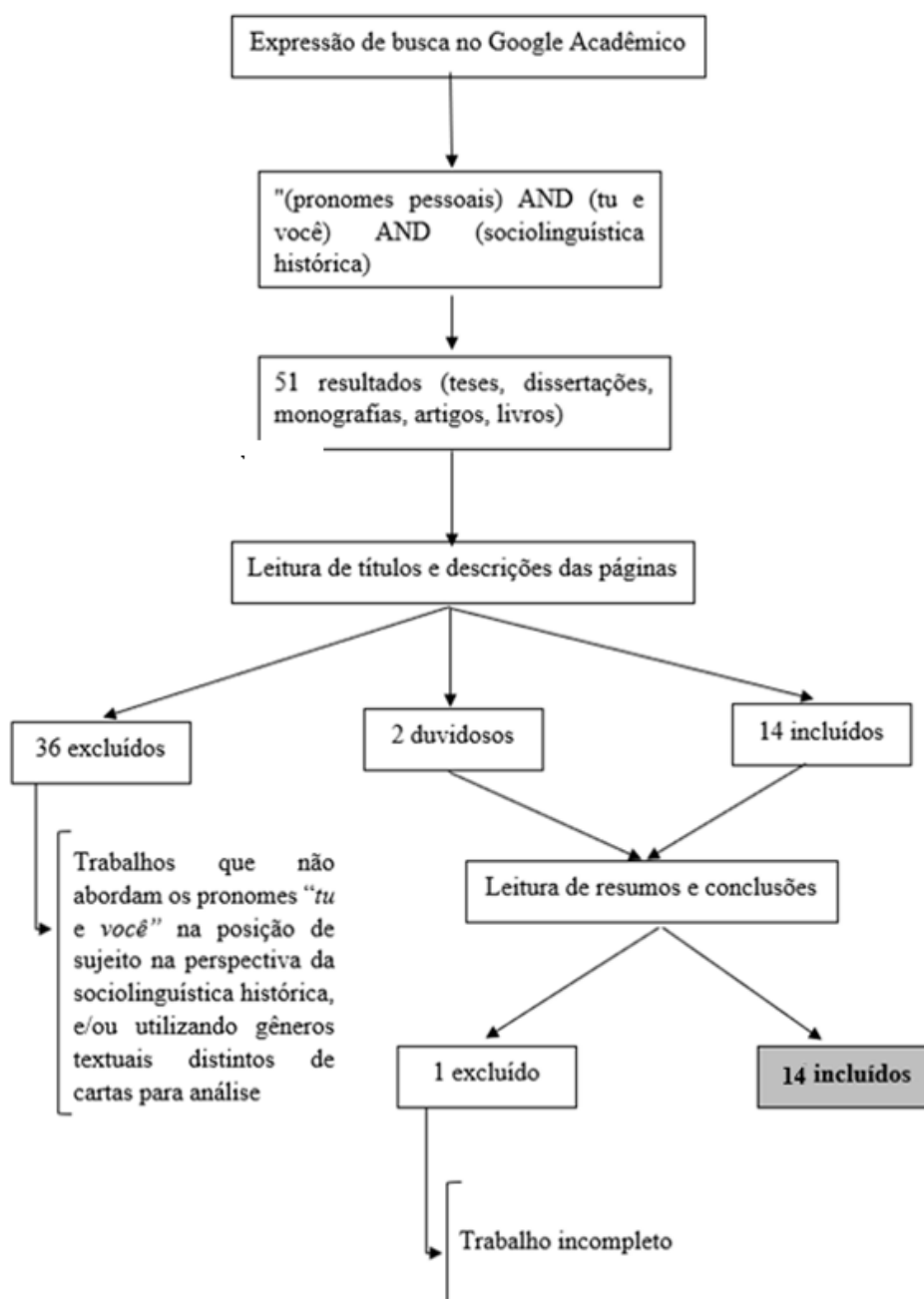
Realizamos a busca em repositórios institucionais, bibliotecas digitais de universidades brasileiras e bases de periódicos científicos, tais como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos CAPES, o Google Acadêmico e repositórios institucionais de universidades federais e estaduais, privilegiando os campos da Linguística Histórica, da Sociolinguística Variacionista e da História do Português Brasileiro. Após a triagem, selecionamos quatorze estudos que atendiam aos critérios estabelecidos e permitiam observar a distribuição da variação pronominal em diferentes regiões do país, momentos históricos e contextos interacionais.

Com o intuito de organizar as informações extraídas, elaboramos um quadro síntese reunindo os 14 estudos que compõem esta revisão integrativa, contemplando os seguintes elementos: autor e ano de publicação; descrição da amostra, com detalhamento metodológico e corpus; e principais resultados

observados. A partir desse quadro, estruturamos a discussão em seções que nos permitiram aprofundar a análise dos dados, observando recorrências e contrastes nos usos pronominais, e refletindo sobre os sentidos que emergem dessas escolhas em contextos históricos, regionais e discursivos distintos.

A seguir, apresentamos o fluxograma metodológico da revisão integrativa, que sintetiza as etapas percorridas desde a definição da questão até a seleção final dos trabalhos analisados:

Figura 1. Fluxograma metodológico da revisão integrativa



Fonte: Elaborado pela autora

Para garantir uma análise consistente entre os estudos, adotamos uma estratégia de categorização descritiva e interpretativa, considerando como eixos comparativos: (i) a distribuição percentual das formas pronominais; (ii) os recortes regionais e temporais dos corpora; (iii) os condicionadores linguísticos e extralinguísticos identificados; e (iv) os contextos discursivos de ocorrência das formas. Inicialmente, realizamos a leitura integral de cada trabalho, identificando os objetivos centrais, a constituição do *corpus*, os critérios de análise e os recortes teóricos. Em seguida, optamos por reunir os dados em um quadro síntese, no qual sistematizamos as informações centrais de cada pesquisa incluída na revisão, tais como autor, ano de publicação, detalhamento da amostra e principais resultados obtidos. Essa forma de organização permitiu visualizar os distintos recortes metodológicos, as escolhas teóricas e os resultados principais de cada estudo.

A seguir, desenvolvemos uma análise interpretativa dos resultados, com o intuito de evidenciar os principais fatores da variação entre *tu* e *você*. Com base nesse percurso metodológico, apresentamos, na próxima seção, os resultados da revisão integrativa, acompanhados de uma análise e discussão que busca estabelecer a compreensão acerca do fenômeno linguístico em estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em nosso estudo, contemplamos um conjunto de 14 trabalhos que investigam a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular, *tu* e *você*, em cartas pessoais escritas entre os séculos XIX e XX. Para consolidar os dados analisados, elaboramos um quadro síntese com os principais aspectos metodológicos e resultados de cada estudo, conforme apresentado a seguir. Os trabalhos foram organizados em ordem cronológica, considerando-se o ano de publicação, a fim de permitir uma leitura diacrônica do conjunto analisado.

Quadro 1. Síntese dos trabalhos analisados

Autor/ano	Detalhamento da amostra	Resultados gerais
Chaves (2006)	O corpus é composto por 150 cartas escritas entre o século XIX e início do século XX, de natureza variada.	Os resultados apontam que, do total de 392 dados obtidos, 217 utilizam o pronome <i>você</i> e 175, o <i>vossa mercê</i> .
Sales (2007)	O corpus inclui 37 cartas pessoais, bilhetes, poemas, dedicatórias e cartões, produzidos entre 1940 e 1949.	No Grupo 1 (1940-1943), houve 15,84% de uso do pronome <i>tu</i> e 18,81% de <i>você</i> ; No Grupo 2 (1944-1949), o percentual do pronome <i>tu</i> foi de 18,8% e 0% das demais formas.
Pereira (2012)	O corpus reúne 149 cartas da família Penna, escritas entre 1886 e 1927, subdivididas em cartas familiares e amorosas.	Os resultados apontam para 77% de uso do pronome <i>tu</i> e 23% de <i>você</i> . Nas cartas amorosas, observa-se 95% de uso do <i>tu</i> e 5% de <i>você</i> ; já nas cartas familiares, 59% de usos do <i>tu</i> e 41% do <i>você</i> .

Moura (2013)	O corpus é composto por três conjuntos de cartas familiares e pessoais escritas entre 1916 e 1994, totalizando 146 documentos.	Os resultados apontam para 69% de formas associadas ao você e 31% ao tu.
Souza (2015)	O corpus analisado reúne 150 cartas de três autores distintos (Cruz e Souza, Maura de Senna, Harry Laus), compreendidas entre 1882 e 1992, abrangendo conteúdos pessoais e profissionais.	Os resultados apontam para o uso de 100% do pronome tu por Cruz e Souza; 30% de usos de tu e 70% de você por Maura de Senna; por fim, 95% de usos de tu e 5% de você por Harry Laus.
Martins <i>et al.</i> (2015)	O corpus é composto por 383 cartas da Bahia, escritas por sujeitos cultos e semicultos, em diferentes contextos socioculturais.	Os resultados apontam para o uso de 79% do pronome você, 18% do tu, 1,5% do vossa mercê e 1,5% de uso do pronome de tratamento o/a senhor(a).
Rumeu (2015)	O corpus é composto por 128 cartas pessoais, sendo 63 produzidas em Minas Gerais e 65 no Rio de Janeiro, compreendendo o período da virada do século XIX ao século XX.	Em Minas Gerais, o uso de vossa mercê foi de 13%, prevalecendo o você com 72% e o tu com 15%. Já no Rio de Janeiro, 43% de uso do você e 57% do tu.
França (2016)	O corpus analisado reúne 106 cartas escritas entre 1850 e 1990, organizadas em cinco intervalos temporais distintos.	Os resultados apontam uma diferença no uso dos pronomes, conforme o período: i) 1850 – 1901: 77% de usos de vossa mercê, 23% de você e 0% de tu; ii) 1951 – 1990: 0% de usos de vossa mercê e 100% de você.
Lopes e Rumeu (2016)	O corpus é composto por 455 cartas familiares e de amizade escritas entre 1850 e 1989, incluindo amostras de Minas Gerais.	Os resultados apontam uma diferença no uso dos pronomes, conforme o período: i) 1850 – 1879: 60% de usos de vossa mercê, 40% de você; ii) 1940 – 1989: 92% de usos de você e 8% de tu.
Lopes <i>et al.</i> (2017)	O corpus analisado é composto por 366 cartas familiares escritas entre 1870 e 1979, por diferentes grupos.	Os resultados apontam que, em um primeiro momento, o pronome tu era mais produtivo do que você, apresentando uma média percentual de 80% e 20% respectivamente.
Lima (2018)	O corpus analisado é composto por 183 cartas de amor, produzidas na segunda metade do século XX (1956–1958 e 1972–1977), provenientes do Sertão pernambucano.	Os resultados apontam para 49,4% de tu e 50,6% usos de você nos anos 50. Nos anos 70, o percentual de 20,7% de tu, 79,2% de você, 0,1% de ocê.
Santos (2019)	O corpus analisado é composto por 183 cartas escritas por 11 famílias, entre 1869 e 1995, abrangendo os subgêneros cartas de família, cartas de amigos e cartas de amor.	Os resultados apontam para o duelo entre tu e você que é motivado pelas relações de proximidade comunicativa. O você perde gradativamente seu caráter nominal e cerimonioso, competindo com o tu e se intensificando a partir do século XX.
Araújo (2019)	O corpus é formado por 139 cartas pessoais, produzidas entre 1940 e 1986, por remetentes diversos.	Os resultados apontam para o total de 1.322 ocorrências, sendo 24,4% formas 't ^{2a} (2ª pessoa) e 75,6% de 'não-t' (formas alternativas).
Lopes (2019)	O estudo analisa cartas pessoais do Nordeste brasileiro, produzidas entre os séculos XIX e XX, com base em amostras provenientes dos estados da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte.	Os resultados referentes às localidades analisadas do Nordeste brasileiro (Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte) indicam um processo de difusão do pronome você, intensificado a partir da segunda metade do século XX. No período de 1870 a 1899, observa-se predominância do pronome tu, com índices entre 80% e 100% de uso. Já entre 1950 e 1990, verifica-se a

² No estudo, **-t** designa as formas do paradigma de *tu* (te, ti, teu), associadas à solidariedade/intimidade, enquanto **não -t** refere-se às formas que não pertencem a esse paradigma (como você, o senhor, lhe, seu), geralmente ligadas à formalidade ou ao distanciamento social.

		expansão de você, cujas taxas passam a variar entre 0% e 30%, evidenciando o avanço gradual dessa forma no sistema pronominal da região.
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisarmos os dados apresentados no Quadro 1, é possível perceber um movimento de mudança linguística que se desenvolve entre a segunda metade do século XIX e o final do século XX, atravessando, de forma temporal e geográfica, os diferentes contextos de produção das cartas pessoais examinadas. Esse movimento se evidencia, por exemplo, na substituição progressiva da forma *vossa mercê*, predominante nas cartas oitocentistas, pelo pronome *você*, que passa a se expandir ao longo do século XX, como mostram os dados de França (2016), nos quais *vossa mercê* apresenta 77% de ocorrência entre 1850 e 1901, sendo posteriormente substituído por *você*, que alcança uso categórico entre 1951 e 1990. Paralelamente, observa-se a retração do uso de *tu* em diversos contextos, especialmente a partir da primeira metade do século XX, conforme evidenciam estudos como os de Lopes et al. (2017) e Lima (2018), nos quais se verifica a passagem de um sistema com predominância de *tu* para um cenário de alternância e posterior predominância de *você*.

Nesse sentido, a alternância entre os pronomes *tu* e *você* revela aspectos significativos do português brasileiro, como a reconfiguração dos sistemas de tratamento, a reorganização das relações de concordância verbal e a associação entre formas pronominais e graus de proximidade ou distanciamento entre interlocutores, cujas marcas se fazem visíveis em práticas comunicativas formais e informais ao longo de mais de um século de correspondência escrita.

Os trabalhos apontam, de modo geral, para uma tendência crescente de expansão do pronome *você* em detrimento de *tu*, notadamente a partir da primeira metade do século XX. Essa expansão está condicionada a fatores extralinguísticos como escolarização, urbanização, grau de intimidade entre interlocutores, contexto geográfico e temporal, além de aspectos ligados ao gênero, à faixa etária e ao nível sócio-histórico de letramento dos remetentes. Por outro lado, o pronome *tu* permanece em comunidades de menor contato com os centros urbanos, sobretudo nas cartas do Norte e Nordeste, demonstrando um comportamento mais conservador em determinadas regiões.

Ainda que alguns trabalhos evidenciem alternância entre as formas, sobretudo nos momentos de transição ou entre interlocutores distintos, há padrões de uso que se mantêm relativamente constantes em determinadas localidades. Isso reforça o entendimento de que as mudanças não ocorrem de forma homogênea, mas se constroem na intersecção entre os condicionantes linguísticos e extralinguísticos.

Desse modo, ainda que a análise geral já permita observar tendências consolidadas, como a expansão do *você* e o recuo do *tu* em determinadas regiões e períodos, como nas cartas mineiras

analisadas por França (2016), nas quais o *você* se torna predominante entre 1951 e 1990, e nas cartas do Sertão pernambucano investigadas por Lima (2018), que evidenciam a passagem de um uso mais equilibrado entre *tu* e *você* na década de 1950 para a predominância de *você* nos anos 1970, é preciso lançar um olhar mais detido sobre os resultados dos trabalhos da revisão integrativa. A seguir, nos dedicaremos a discutir de forma mais aprofundada alguns aspectos recorrentes identificados nos estudos selecionados, buscando compreender como essas escolhas pronominais se constroem em contextos específicos e o que elas revelam sobre o funcionamento da língua em uso.

DIFUSÃO DO *VOCÊ* E A RETRAÇÃO DO *TU*

A partir dos dados reunidos nesta revisão integrativa, constatamos a recorrente substituição da forma pronominal *tu* por *você* nas cartas pessoais produzidas entre os séculos XIX e XX. Ainda que essa mudança não se dê de modo homogêneo em todas as regiões e contextos discursivos, os estudos analisados apontam para uma retração progressiva do *tu* e uma expansão do *você*, sobretudo a partir da primeira metade do século XX.

Em França (2016), observamos que a forma *vossa mercê*, ainda predominante no recorte entre 1850 e 1875 com 77% de ocorrência, é progressivamente substituída pelo *você*, que se consolida nas cartas posteriores, alcançando 100% de uso entre 1951 e 1990. Em Lima (2018), os dados das cartas de amor do Sertão de Pernambuco revelam uma inflexão significativa entre as décadas de 1950 e 1970: inicialmente, *tu* e *você* ocorrem de forma equilibrada (49,4% e 50,6%, respectivamente), mas nos anos 70 o *você* já representa 79,2% das ocorrências.

Nos dados de Lopes et al. (2017), também observamos a progressão desse processo: entre 1870 e 1899, o *tu* é forma majoritária; entre 1900 e 1939, há uma alternância equilibrada com percentuais mais próximos entre as formas, sem predominância absoluta de uma sobre a outra; e entre 1940 e 1979, o *você* se torna predominante superando o *tu* e passando a ocupar a maior parte das ocorrências no período analisado. Lopes e Rumeu (2016), ao analisarem cartas de diferentes regiões e décadas, reforçam esse padrão: nas cartas produzidas após 1940, a frequência do *você* ultrapassa 90% em vários períodos como no intervalo entre 1940 e 1989, em que o *você* atinge 92% das ocorrências, em contraste com 8% de uso de *tu*.

Em outros estudos, como Martins et al. (2015), Moura (2013) e Araújo (2019), a prevalência do *você* em períodos mais recentes também se confirma. Em Araújo (2019), por exemplo, identificamos 75,6% de formas *não-t*, enquanto o *tu*, marcado como *-t*, representa apenas 24,4% das ocorrências. Em Moura (2013), o *você* aparece como forma dominante nas cartas escritas na década de 1990, sinalizando a

consolidação desse processo. Já em Martins et al. (2015), o *você* compõe 79% das 838 ocorrências analisadas, em oposição a 18% de *tu* e 1,5% de *vossa mercê*.

Mesmo nos trabalhos em que o *tu* ainda se mostra mais produtivo, como em Souza (2015) e Pereira (2012), identificamos condicionantes muito específicos que justificam essa ocorrência. No primeiro caso, o *corpus* da amostra Cruz e Souza é composto por cartas datadas do final do século XIX, em que o *tu* aparece com 100% de frequência. Já em Pereira (2012), embora o *tu* predomine nas cartas amorosas, o *você* apresenta índices mais altos nas cartas familiares, revelando uma divisão no próprio *corpus*.

Os dados de Sales (2007) e Rumeu (2015) também reforçam essa tendência. Em Sales, observamos a presença de *você* desde a década de 1940, ainda que em coexistência com outras formas pronominais, como o *tu* e formas nominais de tratamento, a exemplo de *vossa mercê*. Rumeu (2015), por sua vez, mostra que o *você* é majoritário tanto nas cartas mineiras (72%) quanto nas cariocas (43%), ainda que o *tu* permaneça mais presente no Rio de Janeiro.

Diante desses resultados, compreendemos que o avanço do *você* não é um fenômeno isolado, mas se articula a mudanças mais amplas no comportamento linguístico dos falantes. O deslocamento funcional do *tu* em direção a contextos mais restritos, frequentemente marcados por afetividade, identidade ou tradição regional, sugere uma reorganização do sistema pronominal no português brasileiro. Essa reorganização está em consonância com transformações socioculturais mais amplas, como a urbanização, o avanço da escolarização e a difusão de modelos linguísticos associados à oralidade informal.

Esses resultados trazem implicações relevantes para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente no que diz respeito à abordagem da variação linguística em sala de aula. A predominância do pronome *você* e a coexistência com o *tu* evidenciam a necessidade de práticas pedagógicas que considerem a heterogeneidade do português brasileiro, evitando a redução do ensino à norma-padrão e promovendo a reflexão sobre usos reais da língua.

PERMANÊNCIA DO TU EM CONTEXTOS DE INTIMIDADE E/OU AFETO

Embora a difusão do *você* como forma dominante de referência à segunda pessoa do singular seja amplamente constatada nos estudos analisados, observamos que o *tu* não desaparece por completo. Em vez disso, sua permanência se dá de forma pontual e motivada, sendo especialmente associada a usos afetivos, estilizados ou culturalmente marcados. Os dados sugerem que, mesmo em contextos em que o *você* se tornou majoritário, o *tu* continua a operar como uma forma com valor expressivo, identitário e, por vezes, estilístico.

Em Pereira (2012), por exemplo, notamos uma distribuição distinta entre os subgêneros analisados: enquanto nas cartas familiares o *tu* representa 59% das ocorrências, nas cartas amorosas esse valor salta para 95%, sinalizando uma correlação entre o uso do *tu* e contextos afetivos mais intensos. Em Souza (2015), o pronome aparece com 100% de frequência nas cartas da amostra Cruz e Souza, datadas do século XIX, em que o uso do *tu* carrega forte carga estilística e retórica, coerente com o perfil letrado do autor. Já na amostra Harry Laus, embora mais recente (década de 1990), o *tu* ainda representa 95% das ocorrências, o que pode ser interpretado como um recurso de marca estilística e construção identitária, considerando-se o perfil do emissor.

No estudo de Sales (2007), que abarca um conjunto variado de gêneros textuais pessoais, incluindo cartas, poemas e bilhetes, o *tu* aparece de modo significativo no primeiro grupo analisado (1940–1943), compondo 15,84% das ocorrências pronominais, número que cresce para 18,18% no segundo grupo (1944–1949). Mesmo em meio à ascensão do *você*, o *tu* é mobilizado de maneira seletiva, o que sugere que seu uso pode refletir não apenas variação regional, mas também uma escolha discursiva marcada por afetividade e intimidade.

Outros estudos também registram essa coexistência produtiva entre as formas. Rumeu (2015), por exemplo, evidencia que, apesar do *você* ser majoritário nas cartas mineiras (72%), o *tu* ainda aparece com 15% de frequência, e nas cartas cariocas essa proporção se inverte: o *tu* representa 57% das ocorrências, indicando que sua permanência pode estar vinculada a particularidades regionais e estilísticas dos interlocutores. No estudo de Moura (2013), embora a forma *você* seja predominante no cômputo geral (69%), o *tu* ainda marca presença significativa, sobretudo nas cartas mais antigas.

A partir desses dados, compreendemos que a permanência do *tu* não pode ser interpretada como simples resistência à mudança. Ao contrário, ela parece responder a estratégias discursivas conscientes, ativadas em contextos nos quais a proximidade afetiva, a ênfase retórica ou o desejo de construção de uma identidade específica justificam a escolha por uma forma tradicionalmente associada à intimidade. Dessa maneira, a coexistência entre *tu* e *você* em certas cartas não apenas evidencia um sistema linguístico ainda em transição, mas revela o papel ativo do sujeito na seleção de formas que melhor expressem seu posicionamento discursivo.

A VARIAÇÃO PRONOMINAL COMO INDICATIVO DE MUDANÇA EM PROGRESSO

Ao observarmos o conjunto dos estudos analisados, é possível reconhecer que a alternância entre as formas pronominais *tu* e *você* não se configura apenas como um fenômeno de variação sincrônica, mas como uma manifestação de mudança linguística em curso. Essa mudança, embora já

amplamente difundida no português brasileiro contemporâneo, ainda encontra espaços de resistência, de sobreposição funcional e de marcações sociais que a tornam um processo complexo, multifacetado e fortemente indexado a contextos específicos de uso.

Constatamos, em diversos trabalhos da revisão, que o uso do *você* avança ao longo do século XX, atingindo altos percentuais de frequência, como evidenciado nos estudos de França (2016), Lima (2018), Lopes et al. (2017), Martins et al. (2015) e Araújo (2019). Em todos esses casos, a substituição do *tu* pelo *você* não ocorre abruptamente, mas por meio de um processo gradual, frequentemente marcado por períodos de coexistência e alternância entre os pronomes. Esse comportamento é indicativo do que Labov (2008) conceitua como “mudança em progresso”: um estágio em que formas concorrentes ainda coexistem, mas em que uma delas passa a ocupar funções comunicativas cada vez mais amplas.

É justamente essa coexistência que observamos em estudos como os de Rumeu (2015), Pereira (2012) e Moura (2013), nos quais os percentuais de uso entre *tu* e *você* variam a depender do subgênero da carta, do período histórico e do perfil sociocultural dos remetentes, como no caso das cartas mineiras analisadas por Rumeu (2015), em que o *você* aparece com 72% das ocorrências, mas o *tu* ainda se mantém com 15%, e nas cartas amorosas estudadas por Pereira (2012), nas quais o *tu* atinge 95% de uso, em contraste com apenas 5% de *você*, evidenciando forte associação com contextos de intimidade. Em tais contextos, a escolha pronominal reflete tanto hábitos linguísticos enraizados quanto influências de redes sociais de contato, escolarização e modelos normativos. A alternância entre pronomes, nesse sentido, deixa de ser apenas uma questão de estilo ou variação individual e passa a se configurar como um traço visível de mudança na gramática da língua.

Cabe destacar ainda que essa mudança se realiza, muitas vezes, de modo silencioso. Como nos mostram os dados de Lopes e Rumeu (2016), mesmo em comunidades onde o *tu* ainda era produtivo até meados do século XX, o *você* começa a se expandir em faixas etárias mais jovens, tornando-se a forma preferida em contextos informais. Esse dado se articula ao que observamos na amostra de Araújo (2019), em que a forma *não-t* correspondente ao *você*, se sobressai amplamente em relação ao *-t*, correspondente ao *tu*, sugerindo uma reconfiguração do sistema pronominal da segunda pessoa.

Nesse cenário, compreendemos que a variação entre *tu* e *você* não é apenas uma escolha aleatória, mas um fenômeno que revela processos de gramaticalização, reestruturação do sistema pronominal e alternância motivada por fatores sociais, históricos e pragmáticos. A análise integrativa dos estudos reforça que estamos diante de uma mudança que já se consolidou em muitos contextos, como nas cartas mineiras analisadas por França (2016), em que o *você* atinge uso categórico entre 1951 e 1990, e nas cartas baianas descritas por Martins et al. (2015), nas quais o *você* representa 79% das ocorrências, e que continua a avançar em outros, como nas cartas do Sertão pernambucano analisadas por Lima (2018), que evidenciam a ampliação do uso de *você* entre as décadas de 1950 e 1970, e nos

dados de Lopes et al. (2017), que mostram a transição de um sistema com predominância de *tu* para a predominância de *você* ao longo do século XX, tensionando normas gramaticais tradicionais e desafiando concepções normativas do uso linguístico.

PANORAMA REGIONAL DA VARIAÇÃO PRONOMINAL TU E VOCÊ NO BRASIL

A análise dos estudos reunidos nesta revisão integrativa permite observar que a alternância entre os pronomes *tu* e *você* não se distribui de forma homogênea no território nacional. A variável regional emerge como um fator determinante, não apenas na configuração dos usos pronominais, mas também na interpretação de seus significados sociais. Ao analisarmos os estudos selecionados, constatamos trajetórias diferentes entre as regiões brasileiras, o que nos leva a refletir sobre os modos como as práticas linguísticas são atravessadas por experiências culturais, históricas e identitárias.

No Nordeste, os dados analisados revelam um cenário instigante. Em Pernambuco, Lima (2018) mostra que, nas cartas de amor da década de 1950, havia um certo equilíbrio entre o uso de *tu* e *você*, mas que, nas décadas seguintes, o *você* passou a predominar de forma significativa. Santos (2019), ao reunir cartas produzidas no estado de Pernambuco, a partir de acervos como o da Fundação Joaquim Nabuco, contemplando correspondências de famílias da região ao longo de mais de um século, observa que o *você* foi perdendo seu caráter cerimonioso e passou a disputar espaço com o *tu* em contextos afetivos e familiares, sinalizando uma reconfiguração discursiva de sentidos atribuídos a essas formas. Lopes (2019), ao analisar cartas de diferentes momentos históricos da região Nordeste, com base em amostras provenientes dos estados da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte, identifica fases de predominância do *você* e de retomada do *tu*, o que nos leva a compreender a variação não como uma tendência linear, mas como um processo que atravessa tensões normativas.

Ainda no Nordeste, em contextos específicos do estado da Bahia, os dados apontam para a consolidação do *você* como forma dominante, inclusive entre falantes de menor escolaridade, compreendida, no estudo de Martins et al. (2015), como sujeitos com baixo nível de instrução formal, em geral com escolarização limitada ao ensino fundamental ou com pouca inserção no sistema escolar, como mostra o trabalho de Martins et al. (2015). Essa predominância pode ser interpretada como reflexo de uma tendência de simplificação morfossintática e de adesão a padrões de oralidade que circulam de forma ampla em práticas comunicativas cotidianas. Ao mesmo tempo, esses dados suscitam reflexões sobre as relações entre variação linguística e escolarização, bem como sobre o papel da mediatização na expansão de determinadas formas linguísticas.

No Sudeste, os estudos evidenciam diferenças marcantes entre estados. Em Minas Gerais, segundo Rumeu (2015), o *você* aparece como forma dominante, ao passo que o *tu* tem presença mais

restrita. Contudo, os dados do Rio de Janeiro sugerem que o *tu* ainda é amplamente utilizado em determinados contextos, sobretudo na oralidade informal e entre pares. Lopes e Rumeu (2016) ressaltam que, mesmo em estados, como Minas Gerais e Rio de Janeiro, em que o *você* se tornou majoritário, o *tu* volta a aparecer de forma significativa em certos momentos, o que reforça a ideia de que a variação pronominal é um campo de disputa simbólica e não um simples reflexo de mudanças gramaticais.

No Sul, em contextos específicos do estado de Santa Catarina, especialmente em Florianópolis e região, os dados de Souza (2015) são particularmente relevantes por evidenciarem o uso persistente do *tu* em cartas de autores como Cruz e Souza e Harry Laus. Embora essas produções apresentem traços estilísticos específicos, é possível interpretar a manutenção do *tu* como uma escolha que mobiliza valores como afetividade, proximidade e tradição. Em um contexto de expansão do *você*, a presença do *tu* pode ser vista como uma forma de resistência discursiva na medida em que sua escolha sinaliza a preservação de padrões linguísticos associados à identidade regional e a vínculos interpessoais mais próximos, funcionando como marca de pertencimento sociocultural frente à difusão de formas mais generalizadas no português brasileiro.

As regiões Norte e Centro-Oeste não estão representadas na amostra desta revisão, o que nos leva a reconhecer uma lacuna importante na produção sociolinguística com foco histórico nesses territórios. Essa ausência impossibilita inferências sobre o comportamento pronominal nessas regiões, mas também revela desigualdades na distribuição dos objetos de estudo e aponta para a necessidade de investigações futuras que contemplem a diversidade regional brasileira em sua complexidade.

Reafirmamos, deste modo, que a região não pode ser compreendida como um mero recorte espacial, mas como uma instância constitutiva das práticas linguísticas. É através das interações sociais em territórios específicos que os pronomes *tu* e *você* adquirem sentidos, são ressignificados e transformados. A variação pronominal, portanto, deve ser compreendida como um fenômeno que dialoga com histórias locais, trajetórias individuais e dinâmicas sociais mais amplas.

CONDICIONADORES LINGÜÍSTICOS

Ao analisarmos os estudos que compõem esta revisão integrativa, observamos que a alternância entre *tu* e *você* não é motivada apenas por fatores regionais ou sociais, mas também por condicionantes linguísticos internos que incidem sobre a construção gramatical das formas de segunda pessoa do singular no português brasileiro. Esses condicionantes envolvem, sobretudo, as relações entre pronomes e formas verbais, os efeitos de concordância, a adequação ao registro discursivo e os processos de reconfiguração morfossintática que acompanham a trajetória histórica da língua.

A análise de Lima (2018), por exemplo, evidencia que o uso do pronome *você* aparece frequentemente associado a formas verbais na terceira pessoa do singular, como em construções do tipo “você sabe”, “você pode” ou “você não tem razão”, mesmo quando a referência é claramente ao interlocutor. Esse fenômeno, também identificado em estudos como os de Santos (2019) e Martins et al. (2015), aponta para uma dissociação entre sujeito e flexão verbal, que se tornou característica estrutural do português falado. Por outro lado, o *tu*, quando presente, tende a manter a concordância verbal canônica, embora a chamada “concordância híbrida” (*tu vai, tu sabe, tu quer*) também esteja presente, especialmente em contextos informais, como mostram os dados de Pereira (2012) e Lopes e Rumeu (2016).

Esse descompasso entre pronome e flexão verbal, frequentemente visto como desvio à norma-padrão, representa, na realidade, um traço regular da variedade oral brasileira. A forma *você*, resultante da redução da antiga locução de tratamento *vossa mercê*, manteve o traço de terceira pessoa ao longo de seu processo de gramaticalização, consolidando-se como sujeito que exige formas verbais da terceira pessoa. Esse processo alterou a flexão verbal no sistema do português brasileiro, reorganizando as relações entre sujeito, verbo e interlocutor.

França (2016), ao observar cartas de diferentes períodos, chama atenção para a coexistência e a substituição progressiva das formas *vossa mercê* e *o senhor* por *você*, o que evidencia que a variação pronominal é parte de um processo histórico de simplificação e reestruturação do paradigma da segunda pessoa. A instabilidade desse paradigma, marcada tanto pela perda de distinções formais quanto pela sobreposição de valores comunicativos, é central para compreender a dinâmica interna da variação pronominal.

Nos dados de Souza (2015), por sua vez, o uso do *tu* associa-se à preservação de uma morfologia verbal mais conservadora, com formas congruentes que remetem a um padrão linguístico mais formal e estável. Tal quadro reforça a ideia de que a escolha pronominal, embora influenciada por fatores sociais e discursivos, é também uma escolha gramatical, implicando regimes distintos de concordância, marcação de sujeito e ordenação de elementos no enunciado. Além disso, os estudos analisados apontam que a seleção entre *tu* e *você* está fortemente vinculada à função discursiva da carta, ao tipo de relação entre os interlocutores e ao grau de formalidade do texto. Moura (2013), por exemplo, observa que o *você* tende a predominar em passagens mais objetivas, enquanto o *tu* se mantém em trechos com maior carga afetiva ou pessoal, como em enunciados de teor íntimo do tipo “tu sabes do meu amor” ou “tu és tudo para mim”. Essa dimensão discursiva da variação evidencia que a escolha pronominal mobiliza não apenas estruturas gramaticais, mas também sentidos sociais e estratégias de interação.

Diante desse panorama, compreendemos que a alternância entre *tu* e *você* está profundamente enraizada na organização da estrutura da língua. As formas pronominais analisadas não apenas

acionam diferentes padrões de concordância, mas também se articulam à constituição dos sujeitos enunciadore e aos modos de construção do sentido nos textos. A escolha por um ou outro pronome mobiliza um conjunto de regras gramaticais, efeitos sintáticos e posicionamentos discursivos que refletem o modo como o português brasileiro vem se reorganizando em sua história recente. Assim, a dimensão linguística da variação revela-se como espaço privilegiado para observarmos a tensão constante entre permanência e mudança, estrutura e uso, norma e prática social.

Do ponto de vista pedagógico, tais dados reforçam a importância de trabalhar, no ensino de gramática, a relação entre forma e uso, especialmente no que se refere à concordância verbal com pronomes de segunda pessoa. A compreensão desses fenômenos pode contribuir para uma abordagem mais reflexiva da língua, alinhada às propostas contemporâneas de análise linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta revisão integrativa evidenciam que a alternância entre os pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro, particularmente *tu* e *você*, configura-se como um fenômeno multifacetado, atravessado por condicionantes de ordem linguística, discursiva, social, histórica e regional. Ao reunirmos e analisarmos trabalhos desenvolvidos com base em cartas pessoais escritas entre os séculos XIX e XXI, foi possível mapear os caminhos por onde essa variação se manifesta, compreender os contextos em que ganha força e refletir sobre os sentidos sociais que tais escolhas mobilizam.

Observamos que a distribuição dos pronomes não obedece a um padrão homogêneo. Ao contrário, trata-se de um processo de disputa em que diferentes usos coexistem, se reconfiguram e, por vezes, retomam formas anteriormente marginalizadas. O *você*, associado à flexão de terceira pessoa e à expansão dos registros de oralidade, aparece como forma amplamente difundida no país, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Já o *tu*, embora muitas vezes interpretado como forma em retração, persiste em comunidades específicas, como em regiões do Nordeste, a exemplo do Sertão pernambucano (Lima, 2018), e em contextos do Sul, especialmente em Santa Catarina (Souza, 2015), além de sua presença em variedades do Sudeste, como no Rio de Janeiro (Rumeu, 2015), onde carrega marcas de identidade, proximidade e resistência a determinadas padronizações linguísticas.

Os dados analisados também revelam a importância de compreender a variação como processo enraizado na formação da língua, articulado a padrões morfossintáticos, efeitos de concordância, funções discursivas e modos de enunciação. Nesse sentido, reforçamos o entendimento de que os pronomes não são apenas elementos referenciais, mas operadores que mobilizam relações de pessoa, posicionamento interacional e construção de sentido.

Ademais, a concentração dos estudos nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul evidencia que não há uma harmonia geográfica, na produção sociolinguística histórica, apontando para a necessidade de pesquisas que incluam o Norte e o Centro-Oeste do país. Essa lacuna, longe de ser apenas estatística, compromete a abrangência interpretativa das análises e impõe limites à compreensão mais ampla da diversidade linguística brasileira.

Concluimos, assim, que a variação pronominal no português brasileiro não pode ser apreendida apenas pela via da contagem de formas ou da descrição de tendências. É necessário entendê-la como prática social, discursiva e linguística, situada em contextos históricos e geográficos específicos, atravessada por escolhas que refletem e produzem identidades. Os trabalhos analisados não apenas contribuíram para descrever a alternância entre *tue você*, mas também revelaram os modos pelos quais os sujeitos se posicionam linguisticamente em suas relações interpessoais, em suas temporalidades e em seus territórios.

Ao sistematizarmos os achados dessa produção, esperamos que este trabalho contribua para ampliar a compreensão da variação pronominal como fenômeno estruturante do português brasileiro e que sirva de base para investigações futuras sobre os modos como a língua, em sua historicidade, articula estrutura e uso, norma e prática social. Esperamos ainda que esta revisão possa fomentar reflexões no campo do ensino de língua materna, particularmente no que tange à valorização da diversidade linguística.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. J. N. *Formas de tratamento no português brasileiro do século XX: conservação e variação em cartas pessoais do norte e nordeste*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

BARBOSA, L. R. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276.

CHAVES, E. *Implementação do pronome você: a contribuição de pistas gráficas*. 2006. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FARACO, C. A. *História do português*. São Paulo: Parábola, 2019.

FRANÇA, R. M. M. *A referência variável ao sujeito de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: uma breve investida pelos séculos XIX e XX* Monografia (Graduação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LIMA, T. J. S. "Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar": a variação dos pronomes pessoais tu e você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano". Monografia (Graduação), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

LOPES, C. R. S. *Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX*. Alfa, São Paulo, 2015.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. *A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX*. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 2016.

LOPES, C. R. S. et al. *Formas treatmentais em cartas do Rio de Janeiro (1870 a 1979)*. Comunicação apresentada no I Simpósio do LaborHistórico, 2015.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L.; OLIVEIRA, T. L. *A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979)*. Estudos de Linguística Galega, 2017.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOURA, K. K. *A implementação do você em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PEREIRA, R. O. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da família Penna: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RUMEU, M. C. B. Vestígios da pronominalização de vossa mercê > você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Veredas On-Line – Atemática*, v. 2, p. 36-55, 2012.

RUMEU, M. C. B. A inserção do 'você' no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. *LaborHistórica*, Rio de Janeiro, v. 5, especial, p. 15-38, jan./jun. 2019.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome "você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, A. A. S. *Duelo entre tu e você em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.